

ENTRE O XIX E O XX: CAMINHOS DA MODERNIDADE

Em agosto de 2012, o Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira da USP promoveu o colóquio “Entre o XIX e o XX: caminhos da modernidade”. O objetivo era refletir sobre um período controverso da nossa história literária, a saber, aquele que vai do final do século XIX aos limiares da Semana de Arte Moderna. O presente número da revista *Teresa*, que leva o mesmo nome do evento e reúne boa parte dos trabalhos apresentados, visa a reavaliar pressupostos, temas, obras e autores desse intervalo, geralmente conhecido pelas histórias da literatura como Pré-modernismo.

Em termos mais específicos, buscamos convocar especialistas que, dentro da sua diversidade de enfoques e espaços institucionais, pusessem em questão o componente depreciativo do rótulo, uma vez que ele sugere que a produção do período ou está aquém do Romantismo, ou não passa de uma preparação para o que vem depois, o Modernismo, movimentos esses que constituiriam uma síntese mais bem realizada do particular e do universal. De modo que o que ficou conhecido como Pré-modernismo, juntamente com o Simbolismo e outros movimentos do início do século XX, tem sido avaliado pela história literária muitas vezes como exercício de estilo, sem conexão mais profunda, seja com os movimentos literários de outros países, numa espécie de imitação de segundo grau, seja com o momento histórico brasileiro.

Não obstante, pesquisadores têm chamado a atenção para a herança, na literatura modernista, de movimentos como o Simbolismo, sobretudo na poesia de matiz religioso ou penumbriista. Outros têm demonstrado como os escritos da época respondem a certas tensões históricas da sociedade brasileira.

Nessa esteira, propomos, em quatro frentes, ampliar os modos de ler esse período da história literária, redefinindo os próprios limites da cronologia, aliás condizente com um contexto de transformações radicais no Brasil e no mundo. Uma dessas frentes propõe-se a recuperar as heranças oitocentistas que persistem na produção desses autores, a exemplo dos ensaios de Francine Fernandes Weiss Ricieri sobre Alphonsus de Guimarães e de Ricardo Souza de Carvalho a respeito de Euclides da Cunha. Mais preocupada com os parâmetros e situações contemporâneos dos autores é a vertente representada por Antonio Arnoni Prado, em ensaio dedicado a Almáquio Diniz, por Simone Rossinetti Rufinoni em torno de Cruz e Sousa, e por Luiz Roberto Velloso Cairo no artigo “Araripe Júnior: crítico e historiador da literatura brasileira”. A experimentação de novas formas e sensibilidades caracteriza outro grupo de contribuições, as quais

dialogam com tópicos da estética da modernidade, apontando como muito do que se denominou Modernismo já se encontrava nos escritos do período. É o que percebemos na relação entre política e estética proposta por Raul Antelo em “A anástase do real: Mallarmé indiano”; nas leituras do ensaio crítico de Gonzaga Duque e Nestor Victor por Vera Lins ou do romance *Recordações do escrivão Isaias Caminha* por Carmem Negreiros; e na discussão do poema em prosa no Brasil feita por Jefferson Agostini Mello. Nesse mesmo sentido, destacamos o texto de Ana Paula Simioni e Lúcia Stumpf, que evidencia, no campo das artes visuais, desafios estéticos consideráveis em artistas anteriores à Semana de 22, que a historiografia oficial entretanto denegou. Por fim, os artigos de Luiz Roncari e Luis Augusto Fischer trazem à luz ressonâncias do regionalismo de princípios do século xx, em especial de Monteiro Lobato e Simões Lopes Neto, nas obras de, respectivamente, Mário de Andrade e Guimarães Rosa.

Vale mencionar, finalmente, o conjunto de resenhas, que traz a avaliação de Arlindo Rebechi Junior do livro de Ivan Teixeira dedicado a Machado de Assis, escritor que também pairou sobre a passagem do xix ao xx, e apreciações de uma série de edições recentes de autores do período e essenciais para o seu estudo, a cargo de Éverton Barbosa Correia, Maria Salette Magnoni e Karina Castilhos de Lucena.

Pensado dessa maneira, esperamos que este número revele algumas inquietações sobre as leituras da passagem do xix ao xx, cujas denominações, em geral, respondem ora a outros momentos da história literária brasileira, ora à história cultural europeia, sobretudo francesa. Provavelmente, a dificuldade em nominá-la diz respeito ao conjunto heteróclito mesmo da produção, que parece desafiar as temporalidades estanques.

O presente número inicia uma nova fase da revista *Teresa*. Neste caso, além da edição impressa, a publicação também estará disponível em formato eletrônico. Mas, a partir do número 15, a transição para o formato eletrônico será feita de modo definitivo. Desde 2000, ano de sua criação, a revista consolidou-se como espaço representativo da pesquisa em Literatura Brasileira aberto as mais diversas instituições e correntes teóricas. Os seus dossiês tornaram-se bibliografia de referência para autores como Mário de Andrade, Graciliano Ramos, Jorge de Lima e Machado de Assis. O mesmo pode ser dito sobre os números temáticos: literatura e canção, epistolografia, romantismo, literatura brasileira do presente. Após 15 anos de existência, sem perder suas características gráficas, a revista *Teresa* continua interessada em ampliar o seu alcance e estimular o debate dos estudos de Literatura Brasileira.

Ricardo Souza de Carvalho e Jefferson Agostini Mello